

CORREIO ECONÔMICO

Pela sétima vez seguida, Focus eleva IPCA para 2024

Previsão é de que inflação suba de 4,62% para 4,64%; PIB parou em 3,1%



Saldo anual de crédito livre deve voltar a dois dígitos

Febraban: saldo anual da carteira de crédito sobe 10,4%

Com a perspectiva de o saldo total da carteira de crédito subir 0,8% em outubro, a taxa de crescimento anual do indicador deve passar de 9,9% para 10,4%, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban (Federação Brasileira de Bancos), divulgada nessa segunda-feira (18), em São Paulo.

O maior destaque do estudo foi o crédito direcionado às empresas,

com previsão de alta de 2,1%, em decorrência do impulso conferido pelos financiamentos do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), assim como programas públicos, como lançamento do Programa Acredita, direcionado às pequenas e microempresas.

Já a carteira 'pessoas jurídica direcionada' teve avanço mensal de 1,1%.

Crédito livre

Mesmo com uma elevação 'tímida' de 0,4% do crédito livre, a alta foi suficiente para acelerar a carteira, que passou de 9,1% para 9,7%. Somente em outubro, as projeções projetam avanços de 1,1%, em linhas de financiamento de veículos, crédito pessoal e cartão à vista.

Linhas de crédito

Os dados do estudo da Febraban tomam por referência informações dos principais bancos do país, cujas linhas de crédito respondem por uma participação de 42% a 88% do saldo total do Sistema Financeiro Nacional. Tal levantamento tem divulgação mensal.



Fundo Clima e o PAC são alvos principais da iniciativa

AIIB anuncia liberação de R\$ 16,7 bilhões ao BNDES

Durante a Cúpula de Líderes do G20 – que se realiza na Marina da Glória (Zona Sul), o Asian Infrastructure Investment Bank (AIIB) anunciou a liberação de R\$ 16,7 bilhões ao BNDES, voltados a investimentos no Brasil, conforme memorando assinado, nessa segunda-feira (18), por ambas instituições. Em nota, o BNDES desta-

cou que "o memorando visa completar o financiamento de projetos do Fundo Clima e ao Novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), em favor da maior integração econômica entre o Brasil e a Ásia nos setores de infraestrutura de transporte, conectividade energética e digital, água e saneamento".

Para o RS

BNDES e o AIIB vão se empenhar no financiamento de projetos de reconstrução do Rio Grande do Sul – que sofreu danos pelo clima – além de apoiarem programas de desenvolvimento urbano e infraestrutura social para a COP-30, em Belém (PA).

Missão

Mercadante acentuou que "o memorando mostra que o BNDES voltou a promover o desenvolvimento, com ampla diversificação do funding [mobilização de recursos financeiros de terceiros para operações de crédito e empréstimo de instituições financeiras].

Superávit

Mediante exportações de US\$ 6,489 bilhões, contra importações de US\$ 4,708 bilhões, a balança comercial brasileira apurou superávit comercial de US\$ 1,781 bilhão na terceira semana de novembro, informou, nessa segunda-feira (18), pela Secretaria de Comércio Exterior do MDIC.

Média sobe

Até a 3ª semana de novembro, a média diária das exportações teve alta anual de 8,2%, pela queda de US\$ 46,83 milhões (-15,5%) em Agropecuária; crescimento de US\$ 20,65 milhões (5,5%) em Indústria Extrativa; e avanço de US\$ 137,39 milhões (19,3%) e na de Transformação.

Por Marcello Sigwalt

Em sétima alta consecutiva, o Boletim Focus – consulta semanal do Banco Central (BC) às 100 principais instituições financeiras nacionais – elevou, de 4,62% para 4,64%, a projeção do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) para 2024 (consolidando o 'estouro' da meta de inflação, fixada em 3%, pelo Conselho Monetário Nacional, o CMN), mas também em relação a 2025 e 2026, que subiu de 4,10% para 4,12%, e de 3,65% para 3,70%, respectivamente.

Traduzindo 'miopia' diante da realidade, o boletim Macroeconômico – também divulgado nessa segunda-feira (18) pela Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Fazenda – apesar de revisar para cima (de 4,25% para 4,4%) o IPCA deste ano, ainda insiste em 'acreditar' que a inflação ficará abaixo da meta.

A escalada do indicador inflacionário ocorre (sob o



Marcha firme do IPCA 'carimba' descontrola fiscal e ajuda a 'emperrar' PIB

peso do reiterado desajuste fiscal), mesmo ante o viés alista da Selic (taxa básica de juros), por parte do Copom (Comitê de Política Monetária), colegiado do BC.

Em contraste com o avanço firme da carestia, o PIB (Produto Interno Bruto) se manteve

'imexível' nos 3,10% anteriores, assim como manteve em 1,94% a previsão para o ano que vem.

Expectativas à parte, a 'banca' continua 'apostando' em um patamar da Selic em 11,75% ao ano para este ano, mas subiu de 11,50% ao ano para 12% ao ano, a expectativa

para o fim de 2025.

No plano do comércio exterior, o Focus reduziu, de US\$ 77,6 bilhões para US\$ 77 bilhões, a estimativa do superávit da balança comercial para este ano, ao passo que reiterou a previsão anterior, de US\$ 76,7 bilhões, para 2025.

BC: foco fiscal deve estar nos cortes

O ideal é que o pacote fiscal, hoje em discussão pelo governo federal, se concentre 'especificamente' na questão do corte de gastos, sem que haja novas medidas focadas na ampliação de receitas, sob o risco de 'interditar' o viés de melhora da percepção dos agentes em relação ao trato das contas públicas.

O recado tão duro, quanto consensual pelo mercado, foi dado pelo presidente do Banco Central (BC), Roberto Cam-

pos Neto, ao explicar o contexto atual: "O mercado entende hoje que para ter efeito de choque positivo tem que ser baseado em corte de gasto do que receita", frisou, ao reforçar a tese de que um 'juro mais baixo' só ocorre em momentos acompanhados de um 'choque positivo' da política fiscal.

Ao descartar a ideia de que o país vive atualmente uma situação de 'dominância fiscal' – em que a política monetária

não teria mais efeito sobre a economia – o dirigente central sustenta que há mecanismos para promover tal choque fiscal.

Num gesto de 'boa vontade' para o esforço federal na questão fiscal, Campos Neto entende que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad demonstra estar focado em fazer "a lição de casa", embora ressalve que isso poderia ser feito logo, até porque a situação fiscal do país "não

é um desastre iminente' e que 'é possível corrigi-la'.

Ao participar do evento da Consulting House, no Insuper (SP), o presidente do BC ressaltou que, ao olhar "na ponta" a questão fiscal brasileira não difere do resto do mundo, num contexto em que a elevação de gastos na pandemia, agora demanda a necessidade de cobrir tais custos agora, mediante o esforço de reduzir as dívidas. (M.S.)

Commodities sobem e 'salvam' Ibovespa

O Ibovespa fechou perto da estabilidade após ter oscilado entre leves altas e baixas desde cedo. Do lado positivo, destaque para a alta das commodities e um Plano de Negócios da Petrobras sem grandes mudanças em relação ao anterior, o que significa maior espaço para dividendos. Contudo, a espera pelo pacote de corte de despesas, em gestação pelo governo federal, e a piora nas expectativas de inflação pelo boletim Focus pesaram contra. O Morgan Stanley inclusive rebaixou a recomendação do Brasil na sua cobertura de América Latina para underweight (venda), em meio a preocupações fiscais e taxa de juros elevada.

O principal índice da B3 fechou aos 127.768,19 pontos (-0,02%), após máxima de 128.277,27 pontos (+0,38%) e mínima de 127.226,37 pontos (-0,44%). O giro financeiro foi de R\$ 22,6 bilhões.



Commodities reagem e deixaram a bolsa no 'zero a zero'

O sinal positivo do Ibovespa foi amparado principalmente pelas cotações de petróleo, que à tarde acentuaram alta com a intensificação de riscos geopolíticos, após as Forças de Defesa de Israel interceptarem foguetes do Líbano, em um aparente ataque. O dólar

enfraquecido e riscos à oferta também ajudaram a elevar os preços da commodity, que fechou em alta acima de 3% tanto no barril WTI, a US\$ 69,17 (+3,36%), quanto no Brent, a US\$ 73,30 (+3,18%).

"Ponto relevante é petróleo subindo bastante, e Petrobras

anunciou um Plano de Negócios que não veio ruim. O mercado tinha receio de que aumentasse muito o capex (investimento) e reduzisse os dividendos, mas não foi bem assim", comenta o chefe de pesquisas da Ativa Investimentos, Pedro Serra. A estatal subiu 2,57% (ON) e 2,50% (PN) após divulgar que seu Plano de Negócios prevê US\$ 111 bilhões em investimentos para o período de 2025 a 2029, em linha

O minério de ferro também fechou em alta, de 1,87% em Dalian, na China, a US\$ 105,23 por tonelada, e de 2,52% em Cingapura, a US\$ 99,15. Assim, Vale ON, ação com maior peso no índice, fechou em alta de 1,25%.

Para o sócio da WMS Capital, Marcos Moreira, o Ibovespa não teve uma performance mais acentuada porque o mercado está em "compasso de espera" pelo pacote fiscal.

Boletim 'alimenta' avanço dos futuros

Os juros futuros fecharam a sessão em alta, na contramão da queda do dólar e da melhora no mercado de Treasuries no decorrer da sessão. Os investidores seguiram repercutindo a piora das estimativas de IPCA na pesquisa Focus e a precificação de Selic terminal na curva de juros já bateu nos 14,25%. É crescente a percepção de que só a divulgação de um pacote de gastos, não antes de quinta-feira, que seja crível é capaz de

alterar a dinâmica das taxas.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 subiu de 13,18% na quinta-feira para 13,30% e a do DI para janeiro de 2027, de 13,35% para 13,46%. Esses são os maiores níveis de fechamento desde 19/12/2022, quando encerraram em 13,68% e 13,62%. O DI para janeiro de 2029 fechou com taxa de 13,24% (de 13,18%).

Os resultados da pesquisa Focus comprometeram bastante o comportamento das taxas, num ambiente externo marcado pelo pessimismo com relação à trajetória dos juros nos EUA. A sinalização do Federal Reserve na semana passada de uma distensão monetária mais branda somada à perspectiva para a política fiscal da gestão Donald Trump são fatores negativos para o fluxo de capital a economias emergentes.

Pela manhã, o yield do T-Bond de 30 anos subiu ao maior nível desde 31 de maio, a 4,677%.

"A taxa longa americana deve permanecer ainda em patamar pouco mais elevado, parecido com o que se observa, pela expectativa de aceleração da economia lá e de uma inflação que pode ficar resiliente, como também o Fed deve estar reduzindo ainda mais as compras de títulos.